



REDACÇÃO PRINCIPAL

Alexandre Vieira

EDITOR

Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

Officina de impressão - R. da Atalaia, 184

(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

End. telegr.: Talhadas - Lisboa - Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A CENTRAL DOS SINDICATOS

Não é só entre o proletariado que existem criaturas que ignorem coisas que deviam conhecer. Há-as também entre os ricos, mas a ignorância destes é, em regra, mais condenável, porquanto os últimos, na maioria dos casos, se são ignorantes é porque sistematicamente se negam a cultivar a ginástica cerebral; enquanto entre os primeiros formam alguns que tendo vontade de aplicar-se ao estudo não o fazem, em muitos casos, por uma destas duas razões: quando não é por ambas: porque não dispõem dos indispensáveis recursos para a obtenção de livros e frequência das escolas ou porque a sua vida de trabalho e a consequente necessidade de angariarem meios para se manterem e aos seus, lhes não dá margem a enriquecer o espírito.

Homens se tem tentado nos muros fauleiros do Terreiro do Paço que ignorem, como igualmente ignoram muitos outros que em S. Bento tem forjado bastas leis, o que é a U. O. N., como nasceu, porque nasceu, o seu estatuto, os seus fins, a sua constituição. Geralmente, quando falam na U. O. N., ou é para sobre ela ejacular calúnias ou para, muito anchos, sentenciarem do alto da sua incapacidade, como quem produz uma máxima, que a central dos sindicatos não é reconhecida pelo Estado, nem o deve ser.

Esquecem-se que o seu reconhecimento está feito pela classe operária do país inteiro, que a criou, que a sustenta e que a não deixará morrer, pouco importando que o Estado a reconheça ou não, posto que não há já maneira — e a experiência o tem demonstrado exuberantemente — de inutilizar uma instituição que, como a U. O. N., tem um importante papel a cumprir na sociedade portuguesa. Oportuno nos parece dizer hoje a que obedeceu a criação da central dos sindicatos portugueses e quais os seus fins, reservando para posteriores artigos a referência à sua constituição, funcionamento, fundos, etc.

Até Março de 1914 existiam em Portugal dois agrupamentos operários com funções idênticas, divergindo levemente na constituição

e profundamente na tática, pois enquanto uma seguia a orientação reformista, a outra adoptava o sindicalismo revolucionário. Tendo-se reconhecido antes e em pleno Congresso de Tomar — reunião nacional do operariado organizado efectuada de 14 a 17 de Março naquella cidade — que a existência desses dois agrupamentos era nociva à classe operária, porquanto dava lugar à divisão de esforços e, consequentemente, prejudicava a acção a exercer contra o capitalismo — o inimigo comum — chegaram as duas correntes, depois duma discussão calorosíssima, a um acordo no terreno económico, sendo criada então a União Operária Nacional, cujos principais cuidados deviam encaminhar-se no sentido de desenvolver, quanto possível, a capacidade operária, facilitando a criação de novos sindicatos profissionais e vigorizando os existentes, relacionando-os de forma a dar mais predominio à acção corporativa, de modo a poderem constituir-se, com a possível brevidade, as Federações de Indústria, de inadiável necessidade.

As bases de acordo que foram votadas no mesmo congresso são as seguintes:

Promover nacionalmente a união dos trabalhadores salarizados para a defesa dos seus interesses morais e materiais, económicos e profissionais, procurando organizar: sindicatos locais, regionais ou nacionais de ofício; federações nacionais ou regionais de indústria; uniões locais de sindicatos de ofícios vários; estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações económicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda; reunir e publicar dados estatísticos e informações exactas sobre a vida económica nacional, movimento operário e as condições de trabalho em todo o país; e estreitar internacionalmente os laços de solidariedade entre o proletariado organizado.

Estes os fins da U. O. N. Quanto à sua constituição, que é tudo quanto há de mais simples, merecerá ela a nossa análise em breve.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Trespasos

Vai pegando a moda, e mal estamos se ela encaixa a valer. É da moda o trespasse das habitações que queremos falar. Começou na Baixa, onde as casas são, extraordinariamente disputadas, e onde os antigos moradores se acostumaram a pedir somas fabulosas para se deslocar, dando assim alojamento aos vários escritórios de novas empresas que lá se instalaram. Pois da Baixa vai-se a exploração estendendo a todos os bairros da cidade e dum modestíssimo inquilino sabemos nós que, desejando mudar-se dum mal-cheiroso quarto andar onde habita, e tendo já alugado a casa para onde se mudará, recusa-se todavia a ceder a habitação que deixa por menos de 100 escudos de trespasse. Eles chamam-lhe eufemisticamente — trespasse. Nós chamamos-lhe uma grandíssima pouca vergonha. Por cima da exploração desenfreada que os senhores exercem vir ainda o berbecho do próprio inquilino especulador. Já nos parece que é caso para exgotar a paciência ao mais pacato.

Tonos e toreros

Veiu ontem cair sobre a nossa banca de trabalho uma primeira crónica... taunomáquia. É crenga nossa que estaria primorosa; *pois, hombre, nuestro periódico*, não trata de semelhantes assuntos. Touradas, só para combater as falamorias delas. Serão, como dizia Fialho, espectáculos magníficos, viris, emocionantes; nós achamo-los simplesmente estúpidos. Menos que bárbaros, menos que selvagens, simplesmente estúpidos. *Tenga el cronista paciencia!* Rematadamente estúpidos. Desculpem os aficionados. Irremissivelmente estúpidos. Perdemos los toreros. A mais não ser estúpidos. *el algeciras e congeja toreros!*

Em Barcelona

O Sindicato da Arte de Imprimir de Barcelona pediu, em circular, aos seus filiados que não compusessem qualquer notícia de que pudesse resultar prejuízo para a greve da Sociedade Catalã. Resultado: os jornais do dia seguinte nada dizem a respeito do assunto. Semelhante facto, porque alguns poderão erradamente tomá-lo como uma espécie de censura à imprensa exercida pelos tipógrafos, não será do gosto geral, bem o sabemos. Os tipógrafos não tem, indiscutivelmente, o direito de coarctar o pensamento de ninguém, mas parece-nos que lhes assiste, estoutro direito de se recusarem a colaborar na difusão de ideias que lhes são odiosas; da mesma forma que um republicano convicto se recusaria a redigir artigos de propaganda monárquica. Pois dos tipógrafos disse Augusto Gil:

Parce-me officio leve e não há outro pior! Que martirio, o de compor quanto ajeita a gente escreve!

Por modo que, resignando-se já os desgraçados a dar publicidade ao disparate, não deve causar estranheza que se recusem a trazer à luz ideias que para seu prejuízo são expressas.

Primavera

Voltou o sol. As andorinhas chegam. O céu tornou-se azul de chumbo que era. A primavera anuncia-se já numa maravilhosa profusão de encantos. E o sol voltou. Encheram-se de luz os bairros insalubres, as vielas imundas dos bairros onde a miséria e a fome se concentram. Bemdito seja o sol! Que dulcíssimo bálsamo derrama em nossas almas o astro scintillante! Não o alcançamos o poder dos despotas, não logra conspurcá-lo a corrupção dos homens. Deslumbra-nos os olhos, aviventa-nos o espírito, avigora-nos o corpo. Halo de esperança na treva circundante, blandícia aos tristes, consolação aos misérrimos! Voltou o sol. Bemdito seja ele!

O operariado e a república

O nosso colega *A Manhã* subordina a esta epígrafe uma série de considerações, tendentes a demonstrar que o operariado português é, acima de tudo, republicano. Tem talvez razão o nosso colega, mas necessário é esclarecer a ideia que do sistema republicano formam os trabalhadores. Nós podemos depor hoje, mas amanhã procuraremos fazê-lo, para que se não diga, ao ouvir-se falar do amor do proletariado pela República, que ele tem a mesma psicologia das rameras espancadas que gostam tanto mais dos amantes quanto mais estes lhes batem.

Aos companheiros vendedores de jornais

A administração de *A Batalha* resolveu solicitar das Ligas dos Vendedores de Jornais de Lisboa e Porto, especialmente desta última cidade, todo o possível auxílio na propagação e venda de *A Batalha*.

O jornal vive para a classe trabalhadora e por isso é dever de toda ela contribuir para a sua expansão.

Estamos confiantes em que o apelo aos nossos camaradas vendedores de jornais, terá o acolhimento que é de esperar de uma classe que também encontra nas colunas de *A Batalha* uma tribuna aberta à defesa dos seus interesses e à melhoria da sua situação.

A BATALHA EM ESPANHA

O latifúndio da terra

(Do nosso correspondente especial)

Há um problema profundo, grande, transcendental, a resolver em Espanha, impondo-se a sua solução, mais que noutros países, ainda que ela seja árdua de encontrar enquanto subsista a actual organização social. E digam em Espanha, particularizando, ainda que o problema seja universal, porque é aqui que mais se afirma o problema da fome, originado no privilégio e agambaramento da terra, de essa terra que dá de tudo e para todos o que é necessário à existência do ser humano.

Os capitalistas, a burguesia, não fizeram mais que roubar as riquezas da terra aos produtores, aos únicos que tinham direito a possuí-las porque são fruto do seu trabalho — mas suco precisamente o contrário, porque são eles, os despojados de tudo o bem, os privados de gozar a felicidade do lar.

É claro que este privilégio tem-se conservado através dos séculos, mas isso não é dificuldade para que se procure anular tal privilégio, transformando a propriedade individual em comunidade daqueles que a saibam e queiram cultivar sem prejuízo de ninguém.

Há regiões espanholas, em que toda a superfície cultivável está nas mãos de um ou dois proprietários, que a arrendam a um segundo que, por sua vez, a subarrenda a um terceiro, dando-se, por vezes, o absurdo de ainda passar a uma quarta pessoa. Figure, pois, o leitor, com quantos encargos e aumentos chega a terra ao que a trabalha, que depressa se convence da inutilidade dos seus esforços para corresponder a todas as obrigações que sobre ele pesam. Disto resulta o abandono da terra e a emigração para as grandes cidades onde julga encontrar mais facilidades de trabalho a que não pode viver com o produto da terra.

Pelos motivos que acabamos de expor, a agricultura em Espanha não pode desenvolver-se; o regime actual impede qualquer progresso e o trabalhador da terra opta por abandoná-la, deixando a outro que tenha sangue de Cristo, que se preste a sofrer toda a espécie de exploração e tiranias. As regiões mais castigadas por esse absurdo regime latifundiário são Castela, Galiza e Andaluzia, estando mais livres do agambaramento da terra Catalunha, Valencia e Aragão, onde cada natural tem uma pequena parcela, porém, é tão pequena, às vezes, a propriedade que possui, que não lhe basta para as suas necessidades, tendo de recorrer às fainas do campo ou ao subarrendamento de outras parcelas de terra.

Para reforçar os nossos argumentos contra este aspecto do despotismo capitalista, passamos a transcrever o que sobre ela diz um escritor burguês:

«A propriedade rústica encontra-se em poder, quasi toda, de absenteeistas que vivem na corte e pertencem a casas da mais alta linhagem e antiguidade da nobreza espanhola. O duque de Alba percebe em grão, das suas propriedades de Alba, de Gomes e Peniarroya de Bracamonte, mais de vinte mil fanegas de trigo. E no caso do duque de Alba, encontram-se Mina, Sotomayor, Cenalvo, Medinaelli e outros mais. As três quartas partes da riqueza agrícola vem parar a Madrid. Boa parte destas propriedades estavam arrendadas a povos inteiros; porém, como ao senhor convém mais a unidade de colono a de renda, tem-se dado várias scenas de anulação de arrendamentos colectivos. Assim, o povo de Campocinado, pelo sr. Sobadela, o de Cespadosa, pelo duque de Alba e o dos povos de Boadilla e Fuente de San Esteyan pelo de Valencia. Os povos de Cespadosa defenderam-se atacando os arrendatários posteriores, acabando por conseguir que estes abandonassem os terrenos; os de Boadilla e Fuente estão em vias de impôr-se ao proprietário, tornando-lhe a vida impossível, e quanto a América e para os povos vizinhos, por a municipalidade e as juntas de paróquia desappareceram, sem que o poder público se defendesse contra este abuso insolito da propriedade.»

Na propriedade de Salamanca, a propriedade rústica, origem de todos os males, da emigração que aumenta todos os anos, da pobreza do colono e até do mecanismo do sufrágio naquelas enormes plagas aonde o touro vale mais que o homem, aonde o proprietário, o sr. de Sobadela, suprimiu um povo, o de Campocinado, para convertê-lo numa coutada e onde, ainda há pouco, o senhor duque de Albuquerque cobrava o direito de trânsito pela ponte da vila de Sedesma.

Com a cedência da terra habilita-se o homem para a vida e com tirar-lha privam-no de elementos de defesa para a vida social.

Porém, as relações do proprietário com o colono passavam, na maioria dos casos, pela intermediação dos administradores, que são, de facto, quem, a coberto do senhor, se aproveita da imensa força deste nas relações políticas, económicas e sociais. E assim, a liberdade política, na sua manifestação mais sagrada, a independência de emissão do sufrágio, vive na dependência do

administrador, e os trabalhadores rurais, com uma situação verdadeiramente miserável, vivem espoliados e esmagados pelo administrador, temendo este moderno senhor da barça e outelo, que dispõe dos seus bens e vida, não lhes restando outro recurso que a emigração para países menos ingratos, aonde a terra seja mais livre e menos desdenhosa.

O que se conta desta provincia pode aplicar-se às restantes, castigadas todas pela praga dos caciques, que impõem a sua vontade e toda a sorte de contribuições ao trabalhador, a ponto de não poder suportar regime tão arbitrário.

Devido a este absurdo sistema de propriedade, encontra-se metade ou mesmo três quartas partes da terra de cultivo abandonada, nunca se tendo atrevido o Estado espanhol a expropriar os seus detentores.

Porém, não é de estranhar tal conduta em governantes desta espécie, pois que são eles os primeiros a burlar as leis que promulgam para aplicar aos outros.

O Boletim Oficial da provincia de Toledo publicou o seguinte aviso:

«Vencendo a 2 de Setembro próximo o terceiro prazo de 20 e 80 por cento de contribuição pela serventia do monte Bobledo de Montalban, no termo de Menalovsky, que importa em 5.824,65 pesetas e 23.314,59 pesetas, respectivamente, chama-se a atenção do Ex.º Sr. Conde de Romanones de que se não pagar aquelas importâncias dentro do prazo de vinte dias, ficará incurso no relaxe e demais gastos como determina a instrução da recebedoria do 26 de Abril de 1900 e 13 de Julho de 1876.»

Que espécie de justiça e equidade podem esperar os espanhóis de capitalistas como o conde de Romanones, que não quer pagar ao Estado o que lhe compete, mas que sabe exigir aos demais? É isto já velho no país. Desde o alcaide Monterilla que fez com que o vizinho pagasse os seus tributos, até o ministro que não paga o que lhe compete, todos procuram livrar-se da praga do Estado, que vem recair no operário do campo, da oficina e da mina, que é forçado a manter essa engrenagem absurda e anti-humana, que suportamos devido à apatia de um povo crédulo e bonacheirão.

Só procedendo radicalmente, como procederam na Rússia, poderemos libertar-nos deste jugo opressor — devemos derrubar todos esses alceceres em que se sustem o edifício do privilégio e da propriedade, a fim de implantar a igualdade entre todos os homens.

Nos, sindicalistas, sabemos isto muito bem, porém o que devemos dar a entender a essa gente obtusa que persiste em continuar mantendo o princípio de que as coisas devem continuar assim, porque assim é que as encontraram.

O mal está em toda essa massa inerte que impede a passagem do carro do progresso humano, sendo necessário que ela avance a fim de não impedir a nossa marcha.

Emílio V. Santofaria

O calote oficial

Membros das juntas de freguesia vieram a esta redacção expor-nos o seguinte:

Quando, na ultima situação politica, se publicou um decreto ordenando que as senhas do arraqamento fossem gratuitas, esse mesmo decreto estipulava que as juntas, para compensarem o seu trabalho e as suas despesas, cobrariam pela distribuição das senhas a verba de 4000 por mês.

Passaram-se meses, a distribuição das senhas terminou, e as juntas de freguesia não conseguem obter o pagamento desses 4000 e a todas as repartições a que se dirigem lhes respondem com evasivas e subterfugios, embora por vezes apareçam nos jornais notas officiosas, em que se diz que essa verba vai ser paga. Algumas corporações administrativas tem-se já dirigido ao ministro provisório dos abastecimentos, visto que o efectivo anda a viajar, e não mostra disposições a voltar para o país, não conseguindo obter a mais simples resposta, o que prova que o sr. Jorge Nunes sabe guardar de Conrado o prudente silêncio.

Ora as juntas de freguesia são as únicas corporações administrativas cujo trabalho é gratuito. As suas receitas limitam-se ao vintémzinho do atestado, quando é pago e aos atestados de residência, algumas freguesias, bem raras. Essa receita nem mesmo dá para as despesas de expediente.

Com a distribuição das senhas gastaram as juntas dinheiro em expediente, em luz, em editais, em muitas coisas, confiando que o decreto que as remunerava seria executado. Como, porém, vivem num país em que o calote tomou feição official, as juntas não vêem meio de obter o seu dinheiro, o que, dada a situação delas, agora substituídas, tomou o carácter dum verdadeiro escândalo.

Agitação em Espanha

Várias classes ameaçam com a greve

MADRID, 10.—O pessoal das sociedades electricas apresentou várias petições no conselho de administração, sendo, entre outras, a inamovibilidade do pessoal, o aumento do salário de 10 a 50 por cento, salário duplo para o trabalho nocturno e a saída immediata do pessoal militar praticando nas centrais electricas.

No caso do conselho não aceder a estas petições irão amanhã para a greve.

O pessoal dos carros electricos de Ciudad Lineal fez idénticas ameaças para petições analogas.

Apesar da greve geral annunciada para hoje, a normalidade reina em toda a parte.—H.

Explosão de bombas em Barcelona

MADRID, 10.—Em Barcelona reben-tou um petardo na rua Corcega havendo várias pessoas feridas.—H.

BARCELONA, 9.—As dez horas da noite reben-tou uma bomba no Diagonal, perto do passeio da Graça. Há 6 feridos sendo dois de gravidade.—H.

LÁ POR FORA

NA SUÍÇA

A Suíça reconhece o reino dos servos, croatas e slovenos

PARIS, 7.—O conselho federal suíço reconheceu oficialmente o reino dos servos, croatas e slovenos, reservando para a Conferência da Paz a decisão respeitante à questão das suas fronteiras.—H.

NA ITALIA

O papa quer que a Palestina não seja entregue aos infieis

ROMA, 8.—O papa na allocução que pronunciará no consistório que se realizará em 10 do corrente, fará alusão à sorte da Palestina e dos lugares santos, desejando que estes últimos nunca mais caíam nas mãos dos infieis, sejam eles quais forem.—H.

NA DINAMARCA

Dificuldades para organizar governo

PARIS, 8.—Telegrafam da Dinamarca que não se encontra ainda organizada o novo governo porque o chefe do partido de opposição mais numeroso se recusar a aceitar o poder.

Todas as demarches até agora effectuadas para a constituição de um gabinete nacional tem-se malogrado.

NA GRAN-BRETANHA

A greve de transportes

LONDRES, 8.—Há motivos para crer que a greve de transportes será conjurada. Os patrões aceitam a semana de 44 horas com determinadas reservas.

Prisão de um deputado «sinn feiner»

LONDRES, 6.—Em Dublin, a policia prendeu Walk, deputado «sinn feiner» por Cork, acusado de ter pronunciado discursos sediciosos.

A Conferência de Paris

Reuniões do conselho supremo de guerra

LONDRES, 3.—Na sua reunião de hoje, em Paris, das 15 às 17 horas, o conselho supremo da guerra discutiu os relatorios dos tecnicos militares, navais e aeronauticos relativamente ao desarmamento do inimigo.—H.

PARIS, 7.—Official—O conselho supremo de guerra tomou conhecimento da interrupção das negociações de Spa, relativas à entrega da frota alemã. A pedido da delegação italiana foi resolvida a nomeação duma comissão militar interaliada a fim de fazer um inquérito sobre o incidente Liabach. Em seguida proseguiu e concluiu a discussão a respeito do abastecimento dos países da antiga Austria-Hungria. O sr. Lloyd George deu conhecimento ao conselho das condições militares e dos preliminares da paz com a Alemanha. A próxima sessão é amanhã de tarde.—H.

Comunicado da comissão de portos, vias ferreas e vias navegaveis

LONDRES, 4.—A segunda sub-comissão da comissão para o regimen internacional dos portos, vias ferreas e vias navegaveis reuniu-se ontem de manhã, em Paris, continuando o estudo ao projecto relativo aos portos que se projecta internacionalizar. Depois da troca de vistas a sub-comissão decidiu as condições segundo as quais este projecto poderá ser applicado.—H.

Polacos e alemães

Paderewsky restitui Posen à Alemanha

POSEN, 9.—Paderewsky restituiu Posen e conferenciou com a missão aliada acerca da situação critica dos polacos na frente de Lemberg e insistiu sobre a necessidade do auxilio immediato da Entente em material e munições.—H.

Não pode ser

Comentando este nosso editorial, diz a *Vanguarda* no seu numero de sábado: «O diário *A Batalha*, que na imprensa é o porta-voz da U. O. N., onde estão confederados cerca de 73.000 trabalhadores, publicava ontem, em editorial, um artigo muito sensato, mas que traduz bem um eloquente aviso aos partidos burguezes. Assim, depois de escalar a orientação de todos os partidos burguezes, declara que o operariado não está resolvido a consentir mais revoluções, e que, na primeira chacina, os trabalhadores empunharão as armas e farão também a sua revolução.

O aviso ali fica bem nitidamente exposto. E oxalá que sejam os operários que façam meter na ordem as classes que deviam ser as primeiras a evitar a desordem.

Os partidos burguezes tem brincado demasiadamente com o fogo. Quantas revoluções não foram tentadas no espaço de um ano?

Quem semeia ventos, colhe tempestades, e o que espera aos partidos burguezes, se não travarem de vez esta vertigem de revoluções, é lançar o país numa tremenda convulsão que porá em grave risco a nossa nacionalidade.

Os partidos politicos que, ponderem bem na attitude que a grande massa trabalhadora tomará se... continuarem a fazer revoluções com a mesma facilidade com que mudam de camisa.

Ha, nestes comentários, uma grave inexactidão. No editorial a que se refere o nosso colega, não faziamos a afirmativa de que os trabalhadores empunharão as armas e farão a sua revolução se houver outro movimento politico, mas sim previamos que, a continuar o actual estado de coisas, successos dessa ordem se desenvolveriam.

E' esse o verdadeiro significado das nossas palavras.

Difunde e propaga *A BATALHA*.

Ela é o teu jornal e tem de viver do teu esforço.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operário.

UMA CRISE

Os gráficos estão descontentes com o ministro do trabalho

Recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor—Independente do que faz a minha colectividade, a cuja boa-vontade só me cumpre prestar-lhe, não posso deixar de trazer a público, embora comentando-o irreverentemente, certos factos, ouvidos a membros de comissões, que dão uma ideia nítida de desorganização dos serviços do ministério do trabalho.

Tenho ouvido os meus camaradas queixar-se da pouca importância de que goza hoje no ministério um cartão de colectividade, da dificuldade que existe em uma colectividade ser recebida pelo ministro e, o que é pior, da pouca atenção que merece, uma vez no gabinete, constantemente cheio, sendo interrompido a cada instante nas suas exposições, por gente abelhauda, e ouvidas, por isso, pelo ministro, a voz do ouvido. Os resultados são fáceis de prever: nunca se consegue nada, ou, quando se consegue, é a custa duma persistência extrema e de uma paciência evangélica, dando a conhecer ao ministro, por quartas de dose, do que lhe quer dar a conhecer.

Vai para dois meses que suspenderam os jornais monárquico-conservadores de Lisboa, e, dos oitenta tipógrafos lançados para a rua, empregam-se apenas dez na Imprensa Nacional, de onde aliás vão sair porque estão ganhando salários inferiores e não estão para suportar a situação que, com indiferença do sr. Luis Derronet é de quem lá superintende, lhes foi criada, não auferindo a subvensão que tem todo o pessoal.

Promessas do ministro do trabalho, há um sacco cheio delas—mas, a subvensão, já lá vão três semanas, e ainda não veio!

Por aqui me ficarei, camarada redactor, por hoje, esperando, infelizmente, que por aqui não ficará o que de desagradável haja a dizer, no consulo socialista, do ministério do trabalho.—Um interessado.

Ex-contratados das colónias

O *Diário do Governo* de ontem publicava o seguinte decreto sobre a situação dos operários e *chaufeurs*, que serviram junto das forças expedicionárias das colónias:

Artigo 1.º Os operários e *chaufeurs* contratados para servirem junto das forças expedicionárias das colónias têm direito ao abono da subvensão de que trata o § 3.º do artigo 1.º do decreto n.º 4.593, desde a data do mesmo decreto.

Art.º A subvensão de que trata o artigo antecedente serão adicionadas às pensões deixadas na metrópole pelos operários e *chaufeurs* ou aos vencimentos quando não tenham deixado pensões.

Art.º As despesas a fazer com as subvensões de que trata este decreto serão satisfeitas pelas «Despesas excepcionais resultantes da guerra».

Art.º Fica revogada a legislação em contrário.

Câmara Municipal de Lisboa

A posse da nova comissão administrativa

Ficou definitivamente assente que a posse da nova comissão administrativa do município de Lisboa se efetue às 17 horas no salão nobre dos Paços do Concelho.

Prepara-se uma entusiástica recepção à nova comissão administrativa.

Nota oficiosa do ministério da guerra

Da repartição do gabinete da secretaria da guerra recebemos ontem a seguinte nota oficiosa:

«S. ex.º o ministro da guerra tendo na mais alta consideração os serviços prestados à República pelas praças do exercito para a subvensão do movimento monárquico e achando de toda a justiça que as famílias das mesmas praças que se encontram presentes por efeito de mobilização, sejam abonadas pensões iguais às que são abonadas as famílias dos militares do C. E. P., determino em circular aos comandos das respectivas divisões do exercito que promovam com a maior urgência o envio à repartição dos Abonos e Assistência aos Mobilizados as relações de todas as praças que se encontram prestando serviço no exercito por motivo da revolta monárquica e consequente manutenção da ordem pública, afim de que a mesma repartição effectue o mais rapidamente possível o pagamento das referidas pensões».

Em Sines

Os presos continuam a ser espancados

Dizem-nos de Sines que, depois do actual governo proibir os maus tratos nas prisões, o administrador daquela localidade, auxiliado pela guarda republicana, continua a espancar os presos, alguns delles arbitrariamente. Pedem que o governo proceda a um inquérito dos actos dessas repubblicanas autoridades, não esquecendo a repartição de finanças, não devendo faltar as provas!

Nos paços de Monte Pedral

Hoje, pelas 15 horas, que a junta de Monte Pedral, que termina o seu mandato, distribue um bôdo a mais de 300 pobres da freguesia. Com este, é o quarto bôdo que a Junta distribue.

A Junta é composta dos srs. Manuel Inácio Ferraz, José Fernandes Alves, Albino Frazão e Joaquim Gouveia.

Para este bôdo recebem-seis cartões que dão a cada um dos seus portadores o direito de receber a quantia de 500, o que nos pedem que os distribuamos por camaradas que se encontrem em condições miseráveis, ou pela doação, ou por qualquer outro motivo. Reconhecidos agradecemos.

Vida Sindical

Comunicações

Ass. dos Op. da Comp. das Águas
A comissão que tem tratado do aumento de 20 centavos para os operários desta companhia conferenciou ontem largamente com o ministro do trabalho que ficou de mandar comparecer no seu ministério, pelas 16 horas de hoje, o director da companhia. A comissão volta amanhã a entrevistar-se com o ministro do trabalho.

Marceneiros
Reuniram os corpos gerentes, que se ocuparam da acusação feita pelo industrial Urcera a esta Associação, tendo resolvido que se publique um manifesto dirigido ao público e à classe, expondo os antecedentes da greve e o que se tem passado; que se convoque uma assembleia magna para o dia 18 do corrente e finalmente que uma comissão trate da libertação do camarada Manuel Baptista, preso injustamente por monárquico. A nova reunião efectua-se no dia 13.

Sindicato Ferroviário
Reuniram no dia 8 os corpos gerentes, para apreciação e discussão das circulares n.º 1073 e 1079, da Direcção geral, sobre penalidades por doenças pretextadas. Foi resolvido por unanimidade levar o assunto à Assembleia Geral, a realizar na próxima quinta-feira, 13.

Comissão Técnica da Constr. Civil
Reuniu ontem esta comissão que apreciou vários assuntos pendentes deste organismo, sendo resolvido que hoje uma delegação desta comissão entreviste a Comissão Administrativa das Obras do Novo Manicóchio de Lisboa, para tratar de vastos trabalhos que ali se vão efectuar. São convidados todos os antigos delegados, que serviram no ano de 1918, a comparecerem hoje, pelas 20 horas, para tratar assunto urgente.

Sindicato Metalúrgico

Reuniu ontem a comissão delegada das classes metalúrgicas de Lisboa, que vem tratando da fusão dos actuais sindicatos profissionais, num só que congregue unanimemente todas as energias de que dispõe a corporação, a fim de defender mais solidamente os interesses gerais da indústria e dos seus componentes. Foi largamente tratado o assunto em questão, tendo ficado constituída uma sub-comissão que redigirá os estatutos e regulamentos necessários para brevemente serem apreciados em assembleias magnas. Ficaram agregados vários operários a quem a comissão primitiva havia dirigido convites nesse sentido, comissão que volta a reunir no próximo dia 19, pelas 21 horas, na rua da Esperança, 204, 2.º

Convocações

Carpinteiros Civis de Lisboa

Convida-se a comissão que trata de angariar donativos para o camarada José Augusto do Carmo a reunir hoje, 11, pelas 19 horas, com a direcção, para se tratar de assuntos de alta importância.

Operários Cerâmicos e A. C. de Lisboa

Reune hoje, esta Associação, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes. Por falta de número não se realizaram ontem as reuniões para a eleição das Comissões das Secções de Escritórios e Via e Trens, ficando adiadas para 14, a mesma hora.

No dia 12, pelas 20 horas, devam reunir as secções oficiais Movimento e Tração, também para a eleição das respectivas comissões para o exercicio do corrente ano.

Estudadores e Decoradores

Reune hoje a assembleia geral, sendo a ordem dos trabalhos a apresentação do relatório e contas dos novos corpos gerentes.

Operários da Indústria Eléctrica

E' convocada a reunir a comissão administrativa da Ass. do Classe dos Operários da Indústria Eléctrica, devendo comparecer na próxima sexta-feira, 11, pelas 20 e meia horas da noite, na rua da Esperança, 204, 2.º

A crise tipográfica

Voltou ontem ao ministério do trabalho uma comissão de tipógrafos, que foi tratar da questão da subvensão reclamada pelos dez operários colocados na Imprensa Nacional e da colocação, em andamento, de mais alguns na tipografia da Biblioteca Pública.

O secretário geral da Federação do Livro e do Jornal recebeu ontem um officio da Liga das Artes Gráficas do Porto, indicando a fórmula pela qual se poderá resolver a crise no Porto, fórmula que aquelle elemento ontem mesmo, juntamente com uma representação dos vendedores de jornais do Porto, deixou nas mãos do ministro do trabalho, que não podendo dedicar-lhe no momento maior atenção, prometeu estudá-la.

O secretário da F. L. J. volta ali hoje, bem como a comissão tipográfica.

FACTOS DIVERSOS

Foi, ontem, recebido no gabinete dos reportes do governo civil o seguinte telegrama: «Vapor «Mogambique», 3.1.15.—Rádio. Passageiros de 1.ª classe e officiaes do «Mogambique» foram salvados das famílias.—Isaura Bentes, Sousa Taveira, Placida do Laranjeira, Alice Roquette, coronel Monteiro, capitão Frons, capitão Azevedo, tenente Moraes, João Vaz Monteiro, Adria Ballo, Magalhães Almeida, Massetto, Loureiro Leitão, Barros, Renato Quintino, Freire Andrade, Reis Rodriguez».

Chegou ontem ao Tjo o vapor «Quellman», capitão Alves Fernandes, procedente do Porto, para onde levava um carregamento completo de subsistências para ocorrer a situação crítica em que se encontrava a população daquela cidade. Imediatamente se procedeu a distribuição da farinha para cada família de 100 libras de farinha.

Pelas 22 horas do ante-ontem partiu da estação de Santa Apolónia uma força de cavalaria da guarda republicana para Santarém.

Deixou ontem a tarde um conflito, tendo passado a vias de facto, a porta da Brasileira, do Rio, entre o alferes sr. Mario Mateo Cordido e o sr. João Camilo Felix Correia, antigo redactor da «Monarchia».

HOJE COMO ONTEM

Um polícia desfecha a arma contra um preso

Quando, na madrugada de ontem estava sendo interrogado na 21.ª esquadra, S. Bento, pelo respectivo comandante, o cabo Marques, n.º 142, Salomão Correia, calçada do Duque de Lafões, 61, 1.º, por suspeitas de ser autor da agressão a tiro contra a guarda 1888, o guarda 390 da mesma esquadra, desfechou um tiro de revólver contra o preso, atingindo-o na cabeça, sendo logo conduzido em automóvel para o hospital de S. José.

O guarda 390 encontra-se preso num dos calabouços do governo civil.

Para o tribunal

Foram enviados para o tribunal Manuel do Nascimento e seu irmão José Marcelino, rua de Arróios, 8, acusados por Augusto Alves das Neves, Avenida Almirante Reis, 6, de lhe terem furtado do seu cofre a quantia de 380.500, parte da qual foi apreendida.

Foi preso Júlio Ferreira dos Santos, rua Engénio Santos, 169, 1.º, por furtar a Eugénio Nunes Brito, Avenida Almirante Reis, 116, 2.º, uma carteira com 35.500.

Por lhe terem recusado a noiva!

Deve ser hoje enviado para o tribunal, Joaquim Diniz, rua do Recolhimento ao Castelo, 42, 3.º, acusado de ter agredido a tiros de pistola o proprietário sr. Isaias Augusto Teixeira, rua de S. Gens, 1, 1.º, facto este sucedido no dia 1 do corrente à esquina da rua Nossa Senhora do Monte, onde esteve emboscado perto de duas horas.

A agressão foi motivada por o sr. Isaias não querer dar-lhe uma filha em casamento. O Diniz, após a agressão, fugiu, indo refugiar-se num pateo, do prédio n.º 257, da rua da Prata, onde foi preso pelo agente Costa, auxiliado pelo guarda 1592 e pelo sr. José Ferreira, empregado no Congresso. A captura do Diniz deu grande trabalho, pois achava-se escondido num poço.

Filósofo ou degenerado?

O companheiro que nos fornece a informação da policia comunica-nos que num dos calabouços do governo civil encontra-se detido há 75 dias, num vadio incorrigível de alargo cadastro, que tendo percorrido durante sete anos todas as cadeias do país, há poucos dias, ou seja desde o tempo que se encontra preso, regressou de Angola, por o respectivo governador entender que a sua permanência ali se tornava impossível. Chama-se ele António José Moreira da Costa; é um tipo muito trigueiro, usa fato de kaki, bastante velho, sujo e roto, sem camisa e sem corcoulas, apresentando uma enorme barba e cabeleira, dando a impressão dum bicho de mato. Vai ser novamente enviado para Angola.

Comissão de propaganda do Mutualismo

Foram ontem assignados os contratos da comissão de propaganda do Mutualismo. A comissão é composta por D. Maria O'Neill, Alfredo Franco, Ladislau Batalha, João Pereira e Francisco Duarte Salvador.

Depois da guerra

O sr. Bonar Law ainda acha necessário o serviço militar obrigatório

LONDRES, 7.—Ao terminarem os debates na sessão de hoje da câmara dos comuns, o sr. Bonar Law disse: «O facto de nos assegurarmos dos frutos da vitória não difficilmente adquirida constituirá a melhor salvaguarda contra o serviço militar obrigatório.

O governo em nada tinda revogou os seus compromissos tomados em período eleitoral. Estes compromissos tratavam da organização militar do país depois do caso de urgência que ainda apresenta a guerra.

A França quer evitar bater-se de novo com a besta selvagem que durante quatro anos lhe dilacerou os flancos. Supõe-se que é um perigo a que se pôde fazer face com tranquilidade até que a força desta besta esteja destruída.

O sr. Bonar Law concluiu mencionando a observação do sr. Clemenceau quando os exercitos britânico e americano tinham desaparecido encontrar nos homens deante do mesmo perigo. O «bill» do serviço militar foi aprovado em segunda leitura por 301 contra 71 votos.—H.

Uma sindicancia

Vai ser feita ao escrivão dos tribunais dos accidentes no trabalho e de arbitros avindores

Vai proceder-se a uma rigorosa sindicancia ao sr. Mostardinha, escrivão do tribunal dos accidentes do trabalho e do tribunal de arbitros avindores, em consequência de ter chegado ao conhecimento do ministro do trabalho que aquelle funcionario tem praticado as mais graves irregularidades no exercicio do seu cargo, pelo que vai ser desde já suspenso.

Liga Pró-Moral

E' convocada a assembleia geral desta organização de solidariedade humana, fundada por empregados da Sociedade «A Voz do Operário», a reunir na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, para eleição dos seus corpos gerentes

«A Batalha» na Monaca

Quaisquer comunicados ou noticias para o nosso jornal, podem ser enviados para a caixa da Batalha na tabacaria «Monaca», 30 Rocio

ULTIMAS NOTICIAS

A Conferencia de Westminster

Lloyd George pede para que se unam patrões e operários

LONDRES, 10.—Falando na sede da comissão reunida na Conferencia Nacional de Industria no dia 4 do corrente, Lloyd George disse:

«Parto está tarde para assistir ao Congresso da Paz que estabelecerá o bem de todos, assim o espero, a paz do mundo. Se ela não se estabelecer a bem de todos — isto é, em bases de justiça — não será a paz. Nesta hora o mundo encontra-se irreconciliável; convulsão; nem me atrevo a prever o que acontecerá nestes anos mais próximos. A Rússia está esfacelada. As noticias que dali nos vem falam dum sofrimento indizível. Chegam pedidos, não tanto de armas como de subsistências, pois o povo morre aos milhares.

Bem me custa a dizer que, segundo as aparências, a Alemanha também se esfacela. Ali existe uma falta de união — falta duma indicação definida e clara do orientação que deve seguir o país. Além disso, as privações estão causando grande sofrimento e tendem a generalizar-se. Não me admiraria que esta nossa velha terra — e não seria pela primeira vez — fosse chamada a salvar, em varios sentidos, a civilização. Entendo que vós o podereis fazer.

Porém, só podereis salvar a civilização se todas as classes tem a convicção que a nossa civilização se acha baseada na justiça e no direito de todas as classes. E' preciso que em todas as classes reine a certeza de que lhes concede a comunidade geral, o direito e a justiça individual.

O apelo que vos apresento hoje é o seguinte: Vós sois de facto o Congresso de Paz. A vós compete estabelecer o futuro deste país; porém, podereis ir muito além. Podereis também estabelecer o futuro da civilização. Podereis criar um modelo de civilização para o qual se voltem todas as terras do mundo, brandando: Sigamos o exemplo da Gran-Bretanha.

Não seria a primeira vez que a Gran-Bretanha tem oferecido preceitos de liberdade e de governo democrático aceites por outros países. Ambiciono que vós aqui vos consultareis de modo que todas as terras no seu desânimo se voltem de novo para a Gran-Bretanha e digam: Vede o que ali se fez. Ali tudo se combinou de maneira a estender a justiça a todas as classes. Todas as classes se acham contentes com a sua sorte. As queixas desapareceram. As injustiças foram reparadas: criou-se uma comunidade nova. Sigamos mais uma vez o exemplo daquela pequena ilha do meio do mar.

Ha o perigo de a actual civilização se aniquillar

Desejo que, assim animados, possais trabalhar para esse fim. Vejo distintamente os perigos que nos esperam, não só na Gran Bretanha, mas no mundo todo. A menos que nos empenhemos em salvá-la, todos nós reunidos, a civilização despenhar-se-há e ficará aniquilhada. Não será pela primeira vez na história do mundo que se tem visto o desmoronamento de grandes civilizações e que tem sido forçoso reconhecer de novo. Desejaria que a Gran-Bretanha e pudesse salvar no momento actual, o que não será possível por um triunfo duma só classe. Tem de se salvar pela união de todas as classes. (Aplausos). E' preciso que vós vos inspireis perante os grandes problemas que tendes de resolver. Não devem existir ambições de primazia. Isto não é um tribunal em que todos advogam, em que cada um por sua vez fala de sua justiça na esperança de ganhar a processo. Vós sois juizes. Vós sois os juizes da nação.

O interesse que a nação toma neste assunto é, podeis orar, muito superior a tudo quanto podeis imaginar. Desta reunião esperam todos a salvação do Estado. Convençei-vos que sois nesta ocasião os depositários da nação — dos milhões de operários e patrões e daqueles que não pertencem verdadeiramente nem a uma nem a outra dessas categorias, porém que todos fazem parte desta grande nação.

Eis o que tenho que dizer aos patrões: Podereis obter vantagens temporárias que resultarão na ruína de vós todos. Não é hoje o tempo para se ganhar um triunfo temporário. E' preciso estender a vista para o futuro. Se desejais que o edificio, por assim dizer, da sociedade se consolide, é preciso primeiro estabelecer em bases sólidas os alicerces; e não se acham assim estabelecidos. As bases estão carcomidas. E' preciso cortar fora o carunchinho. Tendes de escorar as bases do Estado.

Dirijo-me agora aos operários. O que hoje vai na Rússia, a que poderá dar-se um breve na Alemanha, prova que o operariado é a classe a qual menos convém a anarquia, pois nestes países onde parece momentaneamente triunfar, essa classe está sofrendo horrores inconcebíveis.

Prospera talvez uma pequenissima secção, porém a grande maioria da classe operaria sofre os tormentos da fome.

Lloyd George diz que será necessário que a Inglaterra seja uma comunidade prospera

Portanto, o que se pede é uma comunidade prospera; é a prosperidade para todos. A corrente da prosperidade tem de percorrer todo o país; não devem existir distritos incultos e expostos à tempestade, onde planta nenhuma pode medrar, onde a vida amurchece: essa corrente deve irrigar e enriquecer todo o país, para o proveito de todos. Em resumo, uma sociedade onde todos nós podemos viver e gozar da vida com a consciência que todos, sem excepção, participam do mesmo gozo.

Tendes, perante vós, varios problemas de salários e horas de trabalho; nesses não entro. E' erro fazer trabalhar os operários mais horas do que as que são absolutamente precisas para satisfazer as necessidades da industria. Ao mesmo tempo, é preciso termos bem presente o facto da concorrência estrangeira e da necessidade de produzirmos o suficiente para satisfazermos a uma grande comunidade de 45.000.000 de habitantes nestas ilhas.

Tendes de encontrar o limite em ambos os sentidos; tendes de encontrar o ponto onde termina o limite legítimo. Estão-se nomeando comissões para definir os limites entre as nações da Europa — o que, aliás, é assunto bastante difficil — os vossos problemas também são difficéis de marcar os verdadeiros limites. E' impossível que um homem possa jurar empenhando a sua honra que o limite absoluto está aqui ou acolá nem que possa ter a certeza que esse limite não se demoverá nem para a direita nem para a esquerda.

Estou persuadido que o receio da falta de trabalho penetrou mais profundamente no animo do operariado, que lhe causa mais impressão do que qualquer outro problema social moderno. Compreendo-o. Muitos d'elles sabem o que vale a falta de trabalho; é um pesadelo que nunca mais poderão esquecer.

Os patrões permittem-me não falar francamente sobre este assunto. Para eles a falta de trabalho equivale a falta de lucros; e ver-se-hão provavelmente privados de certos artigos de que gozam na prosperidade, porém não lhes traz sofrimento nem para eles nem — o que é muito mais importante para um coração sensível — para os seus filhos, nem para aqueles que estão na sua dependência. Porém traz sofrimento ao operário.

Ponde-vos no lugar do operário que está dois ou três meses sem trabalho e que não tem vintém.

Com o auxilio do Estado, procurar-se há impedir a falta de trabalho

Com o auxilio do Estado, deve tornar-se possível às industrias deste país encontrar meio de impedir que a falta de trabalho acarrete para uma família honesta que só pede ocasião de trabalhar, o mal-estar, a doença, a fome, a morte. E' um castigo severissimo. Nem a um criminoso se dá um tal castigo. Um criminoso poderá ter três anos de prisão, com trabalho forçado; é, porém, alimentado.

Castigar um homem que quer trabalhar, condemnando-o a três meses de privações para ele e para os seus filhos — o Estado que tal consente, sobre-se de vergonha. (Grandes aplausos da parte dos representantes trabalhistas).

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

existir distritos incultos e expostos à tempestade, onde planta nenhuma pode medrar, onde a vida amurchece: essa corrente deve irrigar e enriquecer todo o país, para o proveito de todos. Em resumo, uma sociedade onde todos nós podemos viver e gozar da vida com a consciência que todos, sem excepção, participam do mesmo gozo.

Tendes, perante vós, varios problemas de salários e horas de trabalho; nesses não entro. E' erro fazer trabalhar os operários mais horas do que as que são absolutamente precisas para satisfazer as necessidades da industria. Ao mesmo tempo, é preciso termos bem presente o facto da concorrência estrangeira e da necessidade de produzirmos o suficiente para satisfazermos a uma grande comunidade de 45.000.000 de habitantes nestas ilhas.

Tendes de encontrar o limite em ambos os sentidos; tendes de encontrar o ponto onde termina o limite legítimo. Estão-se nomeando comissões para definir os limites entre as nações da Europa — o que, aliás, é assunto bastante difficil — os vossos problemas também são difficéis de marcar os verdadeiros limites. E' impossível que um homem possa jurar empenhando a sua honra que o limite absoluto está aqui ou acolá nem que possa ter a certeza que esse limite não se demoverá nem para a direita nem para a esquerda.

Estou persuadido que o receio da falta de trabalho penetrou mais profundamente no animo do operariado, que lhe causa mais impressão do que qualquer outro problema social moderno. Compreendo-o. Muitos d'elles sabem o que vale a falta de trabalho; é um pesadelo que nunca mais poderão esquecer.

Os patrões permittem-me não falar francamente sobre este assunto. Para eles a falta de trabalho equivale a falta de lucros; e ver-se-hão provavelmente privados de certos artigos de que gozam na prosperidade, porém não lhes traz sofrimento nem para eles nem — o que é muito mais importante para um coração sensível — para os seus filhos, nem para aqueles que estão na sua dependência. Porém traz sofrimento ao operário.

Ponde-vos no lugar do operário que está dois ou três meses sem trabalho e que não tem vintém.

Com o auxilio do Estado, procurar-se há impedir a falta de trabalho

Com o auxilio do Estado, deve tornar-se possível às industrias deste país encontrar meio de impedir que a falta de trabalho acarrete para uma família honesta que só pede ocasião de trabalhar, o mal-estar, a doença, a fome, a morte. E' um castigo severissimo. Nem a um criminoso se dá um tal castigo. Um criminoso poderá ter três anos de prisão, com trabalho forçado; é, porém, alimentado.

Castigar um homem que quer trabalhar, condemnando-o a três meses de privações para ele e para os seus filhos — o Estado que tal consente, sobre-se de vergonha. (Grandes aplausos da parte dos representantes trabalhistas).

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

Pouco venia aos operários para dizer mais uma coisa. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança. E' um assunto delicado, pois os operários encaram-no com desconfiança.

a ideia que a maior produtividade dará a falta de trabalho. A meu ver esse receio é infundado. Os outros países estão de tal forma esfacelados que a não ser o nosso e a America e talvez o Japão, não ha nenhuma que possa abastecer o mundo. De maneira que, se trabalharmos juntos e sem perda de tempo, estou certo que vai começar uma era de grande prosperidade para a nossa patria. Porém estou certo também que essa prosperidade não a alcançaremos a menos de estabelecermos melhores relações domesticas.

Que saibam todos que a prosperidade que ha de vir ha de ser compartilhada por todos. O sol quando nasce, nasce para todos, não só para o patrão mas também para o operário. Todos devem ter a sua parte; se, isso, conseguirdes, então esta nossa terra auferirá uma condição de felicidade e de satisfação como jamais experimentou. Será um modelo para o mundo todo; dir-se-ha para todo o tempo: «Louvado seja Deus que plantou esta ilha no meio do mar para servir de guia ao mundo ao caminho da civilização».

A Revolução Europeia

Na Alemanha

As vítimas da greve geral

ZURICH, 9.—As desordens resultantes da greve geral alemã produziram 1.000 vítimas, pouco mais ou menos. Da parte dos grevistas as perdas são superiores.—H.

Em Inglaterra

Decrescem as greves

LONDRES, 3.—As noticias de hoje indicam que a crise de trabalho deu uma volta favorável. Os operários de reparação de navios dos estaleiros do Tamisa, que estavam em greve, decidiram numa reunião plenária retomar o trabalho e negociar depois

RICOS REMEDIAIDOS POBRES

Não se esqueçam que ali na

TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhoras e crianças.

COMPANHIA DE SEGUROS A Urbana Portuguesa

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital 340.000\$

Realizado 34.000\$

Relatório da direcção e parecer do conselho fiscal, apresentados à assembleia geral dos srs. accionistas, em 24 de Fevereiro de 1919.

Gerência do ano de 1918

Srs. accionistas.—A Companhia de Seguros A Urbana Portuguesa tem a constatar este ano que, apesar das dificuldades de toda a ordem, inerentes ao estado de guerra, que felizmente se considera finda, o nosso balanço acusa uma importante progressão de receitas, como adiante vereis.

Oríamos seguros novos, expandimos muitos dos que já existiam, alargando a nossa acção, tanto quanto nos permitia o nosso capital realçado, acrescentando por isso mesmo as probabilidades de sinistros que foram avultadas, o que determinou também a alteração nas respectivas taxas.

O saldo favorável, que em 31 de Agosto havia atingido 48.899\$97, baixou no fim do exercício para 41.785\$58, devido aos muitos desastres marítimos e incêndios terrestres ocorridos no último trimestre do ano e cujos pagamentos efectuamos prontamente.

Para este saldo propomos a distribuição seguinte:

Para dividendo de 5% por acção.....	3.400\$00
Para fundo de reserva....	12.000\$00
Para sinistros conhecidos....	14.822\$00
Para conta nova de 1919....	11.563\$58
Total.....	41.785\$58

Resta-nos confessar o nosso agradecimento às penhorantes deferências recebidas do digno conselho fiscal e de todos os srs. correspondentes, e bem assim às nossas oitenta e quatro colegas nacionais, antigas e modernas, e todas as estrangeiras e mais individualidades que contribuíram para a prosperidade da nossa Companhia.

Também registamos com prazer os bons serviços prestados pelo pessoal da Companhia, desejando que eles frutifiquem na prosperidade da nossa empresa.

Com o fim de defender os interesses dos seguradores fundou-se em Dezembro de 1918 a Associação de Classe Seguradora do Norte, da qual muito há a esperar e que já iniciou trabalhos no sentido de as Companhias serem indemnizadas, dos pagamentos que fizeram de veleiros e mercadorias, torpedados por submarinos inimigos. Bem vinda seja esta nova agremiação, e daqui enviemos cumprimentos aos seus iniciadores e aos corpos gerentes eleitos.

Porto, 30 de Janeiro de 1919.—Os Directores, Manuel de Sousa Avides, Artur José de Sousa—António Ferreira da Costa Guimarães.

MAPA N.º 1

Balanço em 31 de Dezembro de 1918

ACTIVO

Fundo de garantia.....	306.000\$00
Papéis de crédito (500 obrigações de 4 1/2 por cento do empréstimo português de 1888 e 1889 as quais se encontram depositadas na Caixa Geral de Depósitos, servindo de caução, conforme a lei de 21 de Outubro de 1907).....	34.644\$30

Caixa:

Dinheiro em cofre.....	1.101\$14
Dinheiro à ordem.....	7.264\$26

8.365\$40

Depósitos a prazo—bilhetes do Tesouro.....
 6.000\$00 |

Agências.....
 16.568\$85 |

Prémios a receber.....
 22.089\$78 |

Móveis e utensílios.....
 200\$00 |

Cauções.....
 3.624\$60 |

Total.....

397.492\$93

PASSIVO

Capital.....	340.000\$00
--------------	-------------

Garantias.....	3.624\$60
----------------	-----------

Fundo de reserva.....	6.254\$58
-----------------------	-----------

Fundo reembolsável.....	4.980\$00
-------------------------	-----------

Amortizações.....	80\$00
-------------------	--------

Acções arrematadas.....	352\$17
-------------------------	---------

Dividendos.....	416\$00
-----------------	---------

Ganhos e perdas.....	41.785\$58
----------------------	------------

Total.....

397.492\$93

Porto, 31 de Dezembro de 1918.—Os

Directores, Manuel de Sousa Avides,

Artur José de Sousa—António Ferreira

da Costa Guimarães.—O Guardalivros,

Armando Gomes da Silva Barrosa.

MAPA N.º 2

Demonstração da conta de ganhos e perdas desde 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1918

Saldo de 1917.....	14.147\$26
--------------------	------------

A deduzir:	
------------	--

Verbas autorizadas pela assembleia geral.....	5.490\$00
---	-----------

Prémios de 1.454 apólices.....	8.657\$26
--------------------------------	-----------

de novos seguros terrestres.....
 38.347\$87 |

Idem de renovações de seguros terrestres.....
 28.143\$71 |

Idem de 760 apólices de seguros marítimos.....
 85.294\$67 |

Idem de 13 apólices de seguros fluviais.....
 74\$82 |

Idem de 22 apólices de novos seguros de cristais.....
 287\$13 |

Idem de renovações de seguros de cristais.....
 472\$63 |

Juros das obrigações—primeiro e segundo semestres de 1918.....
 1.417\$50 |

Idem de dinheiro à ordem e a prazo.....
 441\$22 |

Prémios suplementares e reembolsados.....
 1.200\$59 |

Indemnizações a companhias resseguradoras por sinistros.....
 1.334\$77 |

Salvados de sinistros de fogo, cristais e marítimos.....
 91\$09 |

Reembolso de despesas judiciais.....
 1\$50 |

Prémios julgados incoobríveis.....
 89\$90 |

Receitas miúdas e dividendos prescritos.....
 40\$91 |

Total.....

165.895\$57

DESPESA

Sinistros terrestres.....	25.585\$14
---------------------------	------------

Sinistros marítimos.....	51.508\$91
--------------------------	------------

Sinistros de cristais.....	254\$72
----------------------------	---------

Despesas com sinistros.....	233\$93
-----------------------------	---------

Contribuições.....	1.894\$70
--------------------	-----------

Bonus do sétimo ano.....	1.905\$16
--------------------------	-----------

Prémios de resseguros.....	4.849\$05
----------------------------	-----------

Anulações e estornos.....	7.288\$77
---------------------------	-----------

Despesas miúdas, anúncios e viagens às agências.....	1.876\$12
--	-----------

Despesas judiciais e relativas à lei de seguros.....	48\$99
--	--------

Impressos e objectos de escritório.....	335\$00
---	---------

Vencimentos do conselho fiscal, direcção e empregados.....	5.083\$50
--	-----------

Aluguer do escritório e telefone.....	151\$79
---------------------------------------	---------

Selos do correio, de apólices e de recibos.....	636\$88
---	---------

Comissões, descontos e juros.....	22.091\$64
-----------------------------------	------------

Bilhete anual do cobrador.....	42\$50
--------------------------------	--------

Percentagens estatutárias e donativos.....	2.325\$27
--	-----------

Saldo disponível.....	41.785\$58
-----------------------	------------

Total.....

165.895\$57

Porto, 31 de Dezembro de 1918.—Os

Directores, Manuel de Sousa Avides,

Artur José de Sousa—António Ferreira

da Costa Guimarães.—O Guardalivros,

Armando Gomes da Silva Barrosa.

Parecer do conselho fiscal

Srs. accionistas.—O conselho fiscal da

Companhia de Seguros A Urbana Portuguesa vem, no desempenho de uma das suas atribuições, assegurar-vos que

no exame das contas, escrita e balanço, a que procedem, tudo encontrou certo.

Pode afortunadamente dizer-se que foi um ano muito feliz, pois que dá lugar a uma remuneração de capital bem compensada, reforçando ainda consideravelmente o seu fundo de reserva, facto que, sem dúvida, se deve aos esforços da digna direcção.

Assim, é do parecer:

a) Que essas contas devem ser aprovadas;

b) Que a divisão dos lucros se faça como o relatório indica;

c) Que a direcção é digna do maior louvor pelo verdadeiro interesse e zelo com que continua a administrar os negócios da Companhia;

d) Que, finalmente, o conselho se associa à gerência em registar os bons serviços do pessoal da Companhia e dos seus correspondentes, bem assim como à Associação de Classe Seguradores do Norte, de Bemvinda, agremiação de indemnizações da qual muito há a esperar.

Porto e sala do conselho, 29 de Janeiro de 1919.—Domingos Gonçalves de Sá—Abílio Ferreira de Figueiredo—António Vitorino Alves.

Corpos gerentes eleitos para o triénio de 1919 a 1921

Mesa da assembleia geral

Presidente:

Conselheiro João José de Sousa Laje;

Vice-presidente:

João Dias Alves Pimenta.

Secretários:

Augusto Ferreira de Figueiredo.

Manuel José da Rocha.

Vice-secretários:

António Pinto de Carvalho.

Bernardo da Silva Damasco.

Conselho fiscal

Efectivos:

Comendador Domingos Gonçalves de Sá.

Comendador Abílio Ferreira de Figueiredo.

António Vitorino Alves.

Substitutos:

António da Silva Matos (Sé).

António Fernandes Vieira.

Joaquim José Gonçalves.

Direcção efectiva

Dr. Manuel de Sousa Avides.

António Ferreira da Costa Guimarães.

Artur José de Sousa.

Direcção suplente

Manuel José Alves.

Dr. José Alves Bonifácio.

Francisco Bernardino Pinheiro de Meireles.

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artística fundição tipografica de Portugal

Director-proprietario

L. Sini.

INTERNATO

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

(a) Instrução primária

(b) Curso completo dos liceus

(c) Curso teórico-prático de comércio

(d) Música e piano

(e) Ginástica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Comercial

APROVADO PELO GOVERNO

PROPRIETARIO-DIRECTOR

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PO TIMÃO

O mais importante do Algarve

OLEOS

mineraes e massas consistentes para lubrificação de maquinas

CORREIAS de couro, balata e pelo de camelo importadas das melhores fabricas INGLESAS, amiantos, empanques, borracha, desincrustante para caldeiras, desperdícios de algodão, etc.

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Representantes da AMERICAN OIL CORPORATION

COSTA & RIBEIRO, Limitada

Rua Vasco da Gama, 54-58 -- LISBOA

Telefone C. 2:654—End. teleg. FELARI



OFICINA PARA CONCERTOS

BICICLETES E GRAMOFONES

Maquinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas, rodas de engrenagem, agulhas, etc., etc. Protectores e camaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicyclettes e com frizos. Bicycletas novas e usadas, e todos os accesorios para bicycletas e gramofones.

5, AVENIDA DAS CORTES, 7

DERNIER DE LA MODE

SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA

Os modelos mais elegantes

Os preços mais economicos

ALVARO ALMEIDA GARCIA

RUA DA PALMA, 50 e 52

Cimento TEJO,

CUMPRE-NOS avisar o publico de que a fabrica de Alhambra continua produzindo em grande escala e acreditado.

CIMENTO "TEJO,"

empregado há 25 anos nas obras mais importantes do País, sempre com os melhores resultados em cimento armado, como em docas e muitos outros trabalhos de maior importancia.

Os seus preços são sempre inferiores em 30 0/0 aos cimentos estrangeiros, alguns de inferior qualidade.

Inúmeros atestados dos mais afamados construtores existem neste deposito e podem ser mostrados ao publico para avaliar a sua excelente qualidade.

Depositaris gerais

do CIMENTO "TEJO,"

Antonio Moreira Rato & F., Lt. da

Rua 24 de Julho -- 54-F

Telefone Central 233

Endereço telegrafico: RATO-FILHOS

A SIFILIS

ERVANARIO da provincia cura radicalmente a sífilis e todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contem de 100 a 200 receitas, 600 reas. Provincia, 650 reas. Travessa da Oliveira, 21, r. d., a Estrella. Curam-se todas as doenças.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede—Estação do Rocio—Lisboa

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os

herdeiros do falecido agente reformado, Manuel de

Almeida, conductor-chefe da Divisão da Exploração-Movimento, a pensão por elle legada como pensionista da Caixa do Rocio e Pensões da referida

Companhia nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, conservando a Divisão ou Impugnando e pedindo em requerimento da vossa

Relação Matos e suas filhas Eulália, Izaura e Irene.

Fim do prazo será tomada deliberacão na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efectos.

Lisboa, 5 de Março de 1919.—O Presidente da Comissão Executiva, José A. Melo Sousa.

ANÚNCIO

Pelo Juizo de Direito da 1.ª vara civil desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de 30 dias, a contar da publicação do segundo e último anúncio, citando os legatários: Constantino Máximo Gandra Moutinho, solteiro, maior, residente em Leça da Palmeira, Porto; D. Estefânia Megre Restier Monteiro, viúva, residente na cidade do Porto e D. Rosa Marques Serrano, solteira, maior, residente na cidade de Madrid, reino de Espanha, para deduzirem os seus direitos no inventário entre maiores a que se procede por falecimento de Anibal Accio Gandra Moutinho, que foi morador na Avenida da Liberdade, n.º 236, 3.º andar, freguesia de Camões, desta cidade de Lisboa, em que é inventariante e cabeça de casal, a sua viúva, D. Honorina Ema Dias Moutinho.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1919.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª vara civil,

Penha e Costa

O Escrivão ajudante,

Ricardo Pereira de Araújo Vasques

Máquinas para entrega

imediate

Motores a gás pobre e gasolina